

A GEOGRAFIA DE GOIÁS NO ENSINO BÁSICO: PROPOSTAS DE ABORDAGENS PARA AS SÉRIES INICIAIS

Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da SILVA¹

Comunicação Oral

GT – Diálogos abertos sobre a Educação Básica

Palavras Chave: Ensino de Geografia, Geografia de Goiás, Séries iniciais, Livros Didático.

Resumo: É importante para explicação geográfica o estímulo a percursos intelectuais, que devem ir além tanto da “rigidez” de um sistema explicativo universalizante como da flexibilidade imaginativa que algumas posturas metodológicas. Este artigo é oriundo de um projeto de pesquisa que pretende compreender o papel da Geografia de Goiás no Ensino Básico, tendo como foco os dois últimos anos (4os e 5os) das séries iniciais. Nos últimos anos houve uma crescente produção de livros didáticos direcionados para a abordagem dos conteúdos regionais, tanto de Geografia como de História, para atender as demandas da discussão regional nas séries iniciais. No entanto parece haver certo descompasso entre os livros produzidos e a compreensão de conteúdos e propostas trazidas por eles, especificamente no que se referem às linguagens, imagens, propostas de atividades e outras abordagens sugeridas para o trabalho pedagógico nos últimos anos das series iniciais. Objetiva-se com esse trabalho apresentar alguns elementos acerca da coleção regional *Geografia de Goiás*, volume único, da Editora Scipione, adotado há dois anos no CEPAE, de modo que se possa apontar os percalços oriundos da prática docente e aventar novas possibilidades de horizontes para abordagem regional nas séries iniciais.

1. Introdução

Nos anos de 2010 e 2011 desenvolvi o projeto Geografia de Goiás no Ensino Básico, no qual orientei, durante 2 anos, uma bolsista, que trabalhou com coleta de dados, observação in locus nas turmas do CEPAE e na SEDUC (Secretaria de Educação Básica do Governo do Estado de Goiás), análise, tabulação e redação de textos e artigos. Os resultados da pesquisa vinculada a esta proposta deram origem há 3 trabalhos produzidos e apresentados em eventos nacionais (Seminário do PROLICEN no CONPEEX; 63ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC e Encontro Nacional de Geografia Agrária) bem como foi escolhida, dentre todos os relatórios do PROLICEN, um dos 5 melhores trabalhos acadêmicos que representaram a UFG na XIX JORNADAS DE JOVENS

¹ Professora Adjunta II da Universidade Federal de Goiás, atuando no CEPAE – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Email: rusvenia@gmail.com

PESQUISADORES, na Ciudad del Este, no Paraguai, para onde viajou a bolsista vinculada ao projeto no biênio (2/2010 e 2/2011). Considerando os resultados daquela empreitada apresentamos esta proposta um pouco mais propositiva e pontual focando no trabalho com as crianças da primeira fase uma vez que estudos de Goiás direcionados à educação básica são muito escassos e as propostas que existem merecem mais debates e investigação no campo acadêmico. Considerando o trabalho que fiz durante 2 anos especificamente utilizando a coleção Geografia de Goiás, 4º e 5º ano, volume único, da Editora Scipione, apresento algumas questões de ordem geral do ensino de Geografia e outras, mais específicas, de aspectos que envolvem a obra mencionada.

2. A Geografia de Goiás na Educação Básica: reflexões iniciais

A Geografia escolar constitui-se uma síntese da Geografia acadêmica. Embora se tenha um avanço na discussão geográfica “lato sensu”, sobretudo quando se considera, na produção acadêmica contemporânea, com a presença de vários temas e métodos de análise, observa-se que tais avanços não alcançam as discussões feitas na Geografia escolar, ou seja, não ocorrem na mesma velocidade e alguns sequer chegar à escola. Estes elementos já haviam sido apontados por Cavalcanti (2002, p.11) quando afirmou em um texto de sua pesquisa de doutoramento: “É verdade que as discussões teóricas e as propostas desse ensino ou têm demorado muito a chegar a essa instância, mas já é possível observar alterações no cotidiano das aulas de Geografia, alterações essas fruto de experiências fundamentadas por teorias de Geografia que já foram realizadas”.

Como uma disciplina obrigatória dos currículos oficiais no ensino básico, a Geografia se estabelece com papéis fundamentais no conhecimento do Espaço Geográfico. Neste âmbito, nossa proposta se fundamenta e se justifica a partir da necessidade de debater acerca de uma Geografia escolar de Goiás a que atualmente conta com dois livros direcionados as turmas de 4os e 5os anos, das séries iniciais, uma das quais já foi revisitada e reformulada, bem como é adotada e pela primeira vez será utilizada no CEPAE - Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Além disso, no currículo especial do Colégio de Aplicação, há duas disciplinas cadastradas no currículo, intituladas Geografia de Goiás e Geografia de Goiânia. Tais disciplinas são ministradas por professores da Subárea de Geografia que apresentam

discussões e debates construídos a partir de suas experiências como pesquisadores cujos objetos de pesquisas, na pós-graduação foram e são regionalmente localizados em Goiás.

Propor um estudo sobre Goiás no que se refere ao modo como se constituiu o espaço e adequá-lo a Educação Básica, especificamente às séries iniciais é sumariamente necessário. Parece sugestivo que primeiramente se apresente como esse tema tem sido estudado nas ciências humanas, o que fazemos em nossas pesquisas acadêmicas, compreendendo que uma Geografia não se faz sem uma história social do Espaço. Isto conduz ao conhecimento do percurso intelectual sobre o qual muitos pesquisadores se ocuparam e, portanto, ditam suas perspectivas de análise. Neste trajeto localizamos duas macro-interpretações do espaço-tempo goiano. Uma delas explica que a sede pelo ouro demarca a descoberta deste “Brasil do interior”, constituindo-se numa primeira fase da formação e do processo de ocupação das terras em Goiás. Ela ainda descreve as expedições esparsas como centro da exploração aurífera e denota que a ocupação do território acompanha a descoberta do ouro. Goiás deve, portanto, sua fundação vinculada ao metal amarelo, como salientou Brasil (1980, p. 25).

Nesta primeira tendência observa-se a marca da instabilidade e da transitoriedade dos homens neste período histórico, bem como dos vilarejos que acompanhavam seus passos, surgindo e se findando, já que a população colonial na época tendia a ser nômade (Estevam, 2002, p. 39). Tal instabilidade é marca presente em todo período que se conhece como “aurífero”, pois é pelas portas da exploração mineradora que Goiás se apresenta. Estevam (2002, p. 37) diz que o povoamento de Goiás, em função da enorme extensão territorial, deu-se de forma vagarosa e diversificada. Logo de início, com a proliferação de descobertas auríferas ao longo de uma ampla superfície, a Coroa sentiu necessidade de aproximar-se com seu aparato administrativo. Porém, mais do que buscar reproduzir esta idéia é dever atentar a premissa de que algo mais profundo ela obscurece: a ocultação do índio e da “mão de obra” escrava e negra que dá forma às paisagens arquitetônicas das cidades coloniais goianas.

A maior parte dos autores que optaram por introduzir seus trabalhos sob esta tendência o fez analisando a Produção do Espaço Goiano demarcado por pelo menos três fases, em síntese: 1ª fase — o período aurífero que vai da chamada “conquista do território”, em 1722, até o ano de 1780; 2ª fase — a construção da estrada de ferro em 1913, a crise de preços do café e a inclusão do Estado numa política econômica capitalizadora e modernizante, das primeiras décadas do século XX até meados de 1950; e a 3ª fase com a modernização da grande propriedade subdividida por dois períodos, de 1950 a 1967 e a que perdura até os dias

atuais (Carneiro, 1986), (Guimarães, 1988), (Duarte, 1998), (Pessoa, 1997), (Estevam 2002), e outros.

Nos trabalhos citados, este retorno a constituição histórico-espacial parece sustentar a tese de que tudo que revela a pesquisa sobre o espaço goiano decorre de elementos do tempo e do espaço goiano, ou seja, territorialmente, em relação ao Brasil. A partir dessa premissa vale a pena questionar: o que seria uma Geografia de Goiás na Educação Básica e quais os temas de pesquisa poderiam compor com outros conhecimentos geográficos produzidos na escola? Os textos existentes propõem uma Geografia e dentre tantas possibilidades cabe compreender o que essas propostas oferecem de articulação as habilidades/conhecimentos desenvolvidos nas escolas.

A literatura regional goiana constitui uma possibilidade verticalização uma vez que por meio da linguagem literária é possível articular conhecimentos acerca do espaço regional. As análises de Bernardes (1972, p. 335) acerca da literatura goiana, sobre o livro Jurubatuba de Carmo Bernardes demonstra o empenho “em mostrar a realidade de nossa terra, colhida, vivida, verificada a olho nu por sua perspicácia e vivacidade no local em que ela reside”. Afinal, sobre isto também discutiu Tuan (1978), quando indica três possibilidades da relação Geografia e Literatura. Para o autor, a literatura, como fonte material para os geógrafos, permite uma reflexão de como as pessoas experienciam o mundo, ensinando a olhar o espaço social; serve como artifício revelador da cultura, à medida que o geógrafo é também um historiador de idéias e, também, expressa a ambiciosa tentativa de equilibrar a subjetividade com a objetividade.

Numa outra tendência, que não se opõe completamente a esta, ora apresentada, a produção do espaço goiano vincula-se a um projeto de extensão nacional com vistas no ideário de “domesticação do sertão”. Como parte do sertão que vai além das fronteiras do Estado, Goiás surge quando “propenso à exploração aurífera” até mesmo nas vozes ecoantes dos viajantes europeus. Até então, assim como parte do sertão, já sentenciado por Guimarães Rosa, é apenas um lugar de travessia.

Esta tendência não anula a anterior, no entanto as questões privilegiadas por elas são outras. Autores como Brandão (1983, 1986 e outros), Vidal e Souza (1997), Vicentini (1997), Silva (1997), Brandão e Mesquita (1995), Duarte da Silva (1997), Pimentel (1997), Chaul e Ribeiro (2001), Chaul (2002), e também, de certa forma em Pessoa (1997) e Estevam (2002), em que pesa o fato de Goiás se encontrar dentro de um espaço imensurável, maior, amplo —

o sertão —, e ser por isso o avesso e par contrário do litoral já “conhecido”. Aqui, a descoberta de Goiás é a descoberta de um outro Brasil, que guarda dentro de si a originalidade de um modo de vida incógnito, produzindo, um sentimento de orgulho nativista para uns e, ao mesmo tempo, a idéia de desequilíbrio e descontinuidade, sobretudo entre autores da sociografia brasileira².

Os dois eixos pressupõem, inicialmente, um trabalho de introdução ao conhecimento do Espaço Goiano utilizando como referência textos de Geografia, Literatura e História nos quais se observará as mais tênues perspectivas que traduzem os processos de cognição e compreensão existentes. Não é possível negligenciar a importância dos conhecimentos no campo da Geografia “física” que representam, no caso do Ensino Básico, pilares robustos para uma formação escolar de qualidade. Assim a produção de material didático e pedagógico será de extrema relevância, bem como a aplicação de textos paradidáticos tendo como base produção historiográfica existente.

Esta pesquisa pretende contribuir para a ampla compreensão da Geografia de Goiás no Ensino Básico focalizando, sobremaneira, as séries iniciais. Este processo só é possível por meio das discussões de conteúdos, a produção de materiais didáticos e a aplicação desses materiais nas aulas de Geografia do 4º ano, momento em que o tema é estudado no CEPAE. Trata-se de um projeto inicial vinculado a proposta mais ampla com pretensões de trabalho interdisciplinar a que contará com auxílio de outros professores do CEPAE.

3. O livro *Geografia de Goiás* seu uso e aplicação nas séries iniciais

O livro didático é um instrumento importante na constituição de qualquer disciplina na escola e muitas vezes, em alguns contextos escolares é instrumento único de muitos professores. No CEPAE o ensino de Geografia de Goiás é anterior a existência de qualquer material direcionado para o Ensino Fundamental e se constituía de elaborações feitas pelos próprios professores da escola, advindas de pesquisas de materiais elaborados no âmbito da Geografia acadêmica. Sendo assim, o contato com a obra específica, advém de uma experiência já acumulada da instituição em fazer uma Geografia de Goiás escolar antes mesmo da existência de um material de síntese nesse aspecto. Nesse tópico apresento

² Refiro-me mais singularmente a Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Oliveira Viana, Nelson Werneck Sodré, enfim todas “*as proposições de intelectuais que defendem ser o Brasil uma nação feita de Espaço*” como introduz (Vidal e Souza, 1997, p. 17).

questões que apareceram na experiência com as crianças dos 4os e 5os anos, ao longo do trabalho com a obra, todas apontadas por elas, no que se refere a compreensão tanto do texto quanto da proposta de atividades. Antes porém, é importante dizer o modo como o livro está estruturado.

O livro *Geografia de Goiás* está dividido em 6 capítulos, algumas seções agrupadas, como: 1. Vamos fazer uma pesquisa / Vamos fazer um debate / Vamos fazer uma entrevista, objetivando incentivar os alunos a trocar ideias e obter informações com as famílias; 2. Para registrar o conhecimento, objetivando e sugerindo atividades práticas como elaboração de trabalhos; 3. Explorando o (os) mapa (as) / Explorando a (as) imagens (ns): relacionando especificamente com mapas e imagens; 4. Coisas da Terra: uso de poesias, músicas e charges; 5. Glossário e 6 uma seção de Sugestões de leitura para o aluno.

3.1 Professora, o que é isso? Aspectos iniciais para análise da coleção.

O dia de entrega da coleção regional foi bastante agitado. As crianças, ao terem contato com o livro, consideraram “lindo”, “bonito” e “colorido”. Algumas abraçaram o livro e na aula seguinte já o trouxeram encapado e identificado com os seus nomes. Esses elementos são importantes, pois demonstram que o processo de aprendizagem com os materiais didáticos, nessa faixa etária, implica sobremaneira uma relação afetiva.

A fonte utilizada no livro e o tamanho da letra demonstrou adequação para a faixa etária, no entanto, a linguagem é algumas vezes inadequada fazendo com que alguns tópicos do livro não possam ser explorados solitariamente pelos alunos, como nos casos da falta de paralelismo “cidades e áreas rurais” (pág. 11); ou o recurso da barra “Os objetos e/ou fenômenos...” (pág. 17) ou o caráter explicativo, como o exemplo da pág. 21 “Como 1m equivale a 100 cm, também podemos representar a escala assim: 1:100 ou (assim) 1/100”. Estes três exemplos provocaram confusão no decorrer da aula, exigindo uma explicação de caráter formal, para além da proposta do conhecimento.

A proposta do livro não foi seguida na mesma ordem dos capítulos, em nenhum dos momentos com os quais trabalhamos com ele, uma vez que o livro se encaixou na proposta dos conteúdos/ conhecimentos e habilidades do livro principal, a coleção nacional, e sendo assim, o capítulo sexto – Meio ambiente e qualidade de vida, foi trabalhado como projeto especial, no contraturno das aulas. Embora os boxes sugiram ampla possibilidade de articulação entre as crianças e a família, o livro não oferece muitas possibilidades de atividades e, mesmo essas em que se depara com a participação dos “adultos”, implicam

muitas dificuldades à realidade escolar, uma vez que nem sempre se pode contar com esta contribuição nas atividades destinadas para serem feitas em casa. Sendo assim, a coleção não exercita muita autonomia, conceito fundamental no percurso dos últimos anos do ensino fundamental.

Outro elemento é o trabalho com 4os e 5os, muito diferenciado em termos de conhecimentos e habilidades. Isto faz com que partes do livro possam ser trabalhadas apenas em uma das séries e outras partes possam ser trabalhadas em comum, em ambas as séries. Uma atividade que despertou muita curiosidade foi a da escolha da legenda e escolhas dos símbolos usados, no entanto, na figura da pág. 17, as crianças consideraram que o símbolo da igreja poderia ser usado para cemitério e apontaram símbolos que compareciam na figura, mas que não estavam na legenda.

O capítulo 2 não explora muito o papel dos indígenas na composição do território goiano, sobretudo na escolha dos nomes dos rios e do próprio estado de Goiás. Há uma cisão entre a apresentação do território administrativo (pág. 30) e o retorno aos mapas de Goiás, que confunde pela repetição de imagens, já que o mesmo mapa aparece nas páginas 29 e 31, em tamanhos diferentes. Além disso, os mapas foram lidos com dificuldade entre os alunos do 4º ano. O que mais causou dificuldades foi à proposta da atividade da página 32, que além de estar descontextualizada (não há discussão anterior sobre os territórios indígenas), houve problemas de entendimento entre a atividade e a proposta de resposta dos autores. Nesse capítulo, uma estagiária que trabalhava com o livro disse que “ele não ajudava muito” no decorrer da aula, aspecto em que a mesma aluna “voltou atrás” quando a aula explorou a atividade da pág. 44, em que o livro foi usado como apoio e elaboramos um exercício acerca da imagem dessa página. Nesse momento houve uma conclusão acerca da obra: as atividades parecem sempre exigir a presença de um adulto, professor ou familiar para ser desenvolvida.

Para refletir melhor: a guisa de uma conclusão

O projeto pretende traçar aspectos bem específicos da obra e convidar os autores para um debate com os alunos nas séries, no ano de 2013, de modo que seja possível a eles conhecer mais de perto a realidade dos alunos. Posteriormente, convidaremos os professores da rede municipal e estadual de educação objetivando dialogar sobre outras questões encontradas no trabalho com a obra.

O tratamento de informações exige conhecimento geográfico para além da realidade da formação dos docentes nas séries iniciais das escolas públicas, onde essas turmas são

atendidas por professores da área de Pedagogia. Para professor específico a coleção desperta possibilidades de atividades e possui caráter formativo, aspecto que não se sabe ser possível aos professores com formação em Pedagogia. Isso porque, os estagiários da área de Pedagogia disseram temer um pouco o trabalho com o livro, em alguns temas específicos.

Uma possibilidade é a de apresentar as atividades de maneira mais elementar, como os elementos fundamentais na construção dos mapas, com atividades que exercitem a elaboração dos títulos; posição e organização da legenda e da rosa dos ventos, etc. Isto porque, sendo a primeira obra que se arvora ao apoio didático nas séries iniciais, ela contém um papel importante de instituir uma Geografia regional da educação básica, ou seja, os conteúdos ali apresentados vão nortear a maior parte do conhecimento do espaço regional goiano apresentando uma possibilidade de abordagem regional à escola.

Esta pesquisa pretende contribuir para a ampla compreensão da Geografia de Goiás no Ensino Básico focalizando, sobremaneira, as séries iniciais. Este processo só é possível por meio das discussões de conteúdos e da produção de materiais didáticos bem como a aplicação desses materiais nas aulas de Geografia dos 4os e 5os anos. Trata-se de um projeto inicial vinculado a proposta mais ampla com pretensões de trabalho interdisciplinar a que contará com auxílio de outros professores do CEPAE.

Referências bibliográficas

ARRAIS, Tadeu Alencar; Oliveira, Ivanilton Jose de. Geografia de Goiás, 4º e 5º ano. Manual do Professor. 2ª edição. São Paulo: Scipione, 2011.

ARRAIS, Tadeu Alencar; Oliveira, Ivanilton Jose de. Goiás - para viver e aprender. 1. ed. Goiânia: Editora Canone, 2013. v. 1. 96p.

BERNARDES, Carmo. Jurubatuba. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1972.

BERTRAN, Paulo. Uma Introdução à História Econômica do Centro-Oeste do Brasil. Brasília: Codeplan, UCG, 1988.

BRANDÃO, Carlos R. Peões, Pretos e Congos : Trabalho e Identidade Étnica em Goiás. Goiânia, Editora Universidade de Brasília, 1981.

BRASIL, Americano do. Pela História da Goiás. Goiânia: Cegraf 1982. (Série Documentos Goianos).

CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. A Revolta Camponesa de Formoso e Trombas. Goiânia: Coleção Teses Universitárias, Editora da UFG, nº 42. Tese de Mestrado, 1986.

CAVALCANTE, Lana. Geografia, Escola e Construção de Conhecimento. São Paulo: Papirus, 1999.

DUARTE DA SILVA, Luis Sergio. A Construção de Brasília – Modernidade e Periferia. , Goiânia : Ed. da UFG, 1997.

ESTEVAM, Luiz. O Tempo da Transformação. Goiânia: UCG, 2002.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canesin. Formas de Organização Camponesa em Goiás. Goiânia: Coleção Teses Universitárias, nº 47, Editora CEGRAF,1988.

VICENTINI, Albertina. O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos. Goiânia: Coleção Quíron/ Série Verbo. Editora da UFG, 1997.

VIDAL E SOUZA, Candice. A Pátria Geográfica – Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro. Goiânia: Editora da UFG, 1997.